

OBRA DE ANTÔNIO GRAMSCI: Diferentes edições

Eixo: Gramsci e o Marxismo

Karine Martins Sobral¹
Maria Susana Vasconcelos Jimenez²
Betânia Moreira de Moraes³

RESUMO

O presente artigo objetiva tecer considerações acerca da obra de Gramsci, uma vez que entendemos que situar a sua obra se torna fundamental, por três motivos centrais: primeiramente, pelo fato de sua obra não ter sido publicada em vida pelo próprio autor, portanto a sua interpretação é permeada pelas diferentes formas como foram publicadas. Segundo, por sua obra não se encontrar numa redação final para a publicação, pois um texto que um autor finaliza para ser publicado é bem diferente de suas anotações pessoais e, nesse caso, grande parte do legado gramsciano se constitui, dentre outros escritos, em uma série de anotações feitas em cadernos, no período em que estava preso; e, por fim, devido alguns problemas decorrentes da maneira como sua obra fora publicada, fato esse que detalharemos posteriormente. Para tanto, recorreremos a autores, tais como: Coutinho (2004), Baratta (2008), Dias (2000).

PALAVRAS-CHAVES: Escritos Políticos, Cartas do Cárcere, Cadernos do Cárcere.

ABSTRACT

This article aims to discuss the considerations concerning Gramsci's work, once we understand that situate his work becomes crucial, for three main reasons: first of all, because his work haven't been published in his lifetime by the author himself, so his interpretation is permeated by different ways in which were published. Second, because his work didn't concluded his final essay for publishing, as a finished text by its author for publishing is quite different from their personal notes and in this case, much of the Gramscian legacy constitutes, among other writings, in a series of notes written in notebooks over the period when he was arrested; and, at last, because of some problems resulting from the way his work was published, a fact that will detail later. To do so, we will draw on authors such as: Coutinho (2004), Baratta (2008), Day (2000).

KEYWORDS: Political Writings, Letters from Prison, Prison Notebooks.

¹ Integrante do Grupo de Pesquisa Ontologia do Ser Social, História, Educação e Emancipação Humana; Profª da Universidade Federal do Maranhão – UFMA.

² Pesquisadora do Instituto de Estudos e Pesquisas do Movimento Operário-IMO; Profª PHD Aposentada da Universidade Federal do Ceará - UFC e da Universidade Estadual do Ceará – UECE.

³ Pesquisadora do Instituto de Estudos e Pesquisas do Movimento Operário-IMO; Profª Dra. da Universidade Estadual do Ceará – UECE.

O presente artigo objetiva tecer considerações acerca da obra de Gramsci, uma vez que entendemos que situar a sua obra se torna fundamental, por três motivos centrais: primeiramente, pelo fato de sua obra não ter sido publicada em vida pelo próprio autor, portanto a sua interpretação é permeada pelas diferentes formas como foram publicadas.

Segundo, por sua obra não se encontrar numa redação final para a publicação, pois um texto que um autor finaliza para ser publicado é bem diferente de suas anotações pessoais e, nesse caso, grande parte do legado gramsciano se constitui, dentre outros escritos, em uma série de anotações feitas em cadernos, no período em que estava preso; e, por fim, devido alguns problemas decorrentes da maneira como sua obra fora publicada, fato esse que detalharemos posteriormente.

Consentânea às motivações apresentadas, nos posicionamos ao lado de estudiosos que defendem a necessidade de se estudar a obra de Gramsci tentando apanhar a evolução interna de seu pensamento, o fio condutor de sua obra.

Nesse sentido, nos assevera Coutinho (2004, p. 27):

[...] seria um equívoco imaginar que há uma ruptura radical entre os escritos de um suposto “jovem Gramsci” e aqueles de um pretenso “Gramsci da maturidade”: não só há entre eles uma relativa continuidade no que se refere às temáticas, mas há também continuidade assegurada pelo empenho constante que Gramsci herdou de Marx, ou seja, o de inserir na dimensão da totalidade e da historicidade os muitíssimos fatos particulares de que se trata, tanto antes quanto depois de sua prisão.

Na mesma direção afirma Giorgio Baratta (2008, p. 11):

Defender a unidade da obra de todo Gramsci, por outro lado, não comporta a subvalorização da mudança, da transformação, até mesmo das rupturas ocorridas ao longo de sua breve, mas densa existência; ao contrário, sem dissipar a própria unidade interna, hoje sabemos que não se podem estudar os Quaderni... sem colocar em ação uma metodologia de pesquisa genético-evolutiva de análise.

O legado do revolucionário sardo é uma obra inconclusa e, por vezes, fragmentada, pois se constitui de escritos que tratavam de questões políticas e culturais para compor a edição dos inúmeros jornais e revistas, com os quais colaborou durante a sua trajetória militante. Bem como, por se tratar de cadernos de anotações, escritos sob censura, em condições de vida bastante precárias na prisão, e cartas que eram endereçadas a algumas pessoas com quem mantinha contato.

Faz-se importante destacar que Gramsci não publicou nenhum de seus livros, assim, não pode organizar os seus escritos para uma exposição. É fundamental ter em mente, para

que possamos compreender que as interpretações dadas aos escritos de Gramsci dependeram “[...] não apenas do conteúdo dos mesmos, mas também, em grande medida, da forma pela qual foram tornados públicos por seus vários editores [...]” (COUTINHO, 2004, p. 8).

Tomando em conta tal fato, exporemos, de forma resumida, a história das edições de sua obra, a fim de situar o leitor acerca das implicações concernentes à forma como as mesmas foram organizadas. Subdividiremos nosso artigo em: Escritos Políticos (1910 – 1926); Cartas do Cárcere (1929 - 1937) e Cadernos do Cárcere (1929 - 1935), no intuito de compreendermos como a obra de Gramsci foi publicada na Itália, e, posteriormente, como a obra de Gramsci chega ao Brasil.

ESCRITOS POLÍTICOS

Dias (2000, p. 15-16, grifos do autor), no que se refere aos Escritos Políticos, assim descreve a obra deste autor:

O discurso gramsciano é, no início, duplamente fragmentário. Primeiramente por ter que fazer o que chamamos de *quebra e reconstrução*. Em segundo lugar, pelo fato de ser *discurso jornalístico, discurso sobre o cotidiano*. Quase nunca há uma sistematização. Quando falamos em discurso sobre o cotidiano, não estamos entendendo esse cotidiano como repetição, como rotina. *O cotidiano é o lugar da luta de classes*. Talvez, inclusive, seu caráter de discurso sobre o cotidiano lhe dê uma riqueza muito grande, quase sempre inexistente em outros discursos políticos. Este discurso sobre o cotidiano tem a função não de explicitar uma verdade para sempre revelada, externa e superior à classe, mas de produzir respostas às perplexidades da classe, ou mesmo, simplesmente, de colocar melhor as próprias perplexidades. *Mais do que uma pedagogia da revolução, o discurso gramsciano vive uma dialética da construção prático-teórica do saber das classes trabalhadoras e de suas tentativas de se colocar plenamente como classe*.

A importância desses escritos, para compreender o pensamento de Gramsci, consiste em ilustrar o momento em que o autor inicia sua trajetória, permitindo-nos apreender o itinerário intelectual e político deste grande teórico, assim como a evolução interna de seu pensamento, desmitificando, dessa forma, a ideia de que Gramsci era simplesmente um educador, um filósofo, ou um sociólogo.

Gramsci era um intelectual que tinha uma estreita relação com o movimento de massas e escrevia mediante a necessidade de responder aos problemas vividos pela classe trabalhadora. A leitura desses escritos nos permite compreender melhor e solucionar

passagens dispostas nos Cadernos do Cárcere, pois muitas questões tratadas nos cadernos têm sua origem nos Escritos Políticos.

Conforme nos afirma Coutinho (2004), entre 1910, quando Gramsci publica seu primeiro artigo, e 1926, quando é preso pela ditadura fascista, ele produziu cerca de 1.700 textos para diferentes jornais e revistas, artigos ligados primeiramente ao PSI e depois ao PCI, produção essa que, no total, equivaleria mais que o dobro dos Cadernos do Cárcere.

Embora o próprio Gramsci avaliasse que esses escritos tratavam de questões cotidianas e, por isso, “deveriam morrer no fim do dia” (GRAMSCI *apud* COUTINHO, 2004, p. 11), isso somente é válido para inúmeros textos que “criticam peças e montagens teatrais de que ninguém mais se recorda hoje, nem mesmo na Itália” (GRAMSCI *apud* COUTINHO, 2004, p. 11 – 12), e, por isso necessitariam de diversas notas maiores que o próprio texto para serem compreendidos. No entanto, outros escritos têm um valor clássico, ou seja, que resiste ao tempo em que fora escrito e pode dar-nos contribuições – para compreendermos a realidade atual - sobre diversas temáticas abordadas por seu autor.

A Editora Einaudi, na Itália, por reconhecer a importância da publicação, resolveu, após publicar as Cartas e os Cadernos, condensar todos esses escritos em cinco volumes. A publicação foi realizada entre 1954 e 1971, e essa demora se justifica pela dificuldade que a editora encontrou em juntar esses escritos que se encontravam espalhados em diversos jornais e revistas, bem como selecionar aqueles mais significativos.

Somemos a isto, a dificuldade em se verificar a autenticidade dos textos de Gramsci, pois muitos não continham assinatura, ou vinham assinados com abreviações ou até com pseudônimos. Uma solução apontada pelos editores foi recorrer a alguns companheiros que trabalharam com Gramsci nos jornais, com os quais colaborara, para confirmar a autoria de Gramsci sobre aqueles escritos.

Vale à pena ressaltar que nas primeiras edições tanto dos Escritos Políticos, como das Cartas e dos Cadernos, a Editora Einaudi não anunciara os organizadores e prefaciadores dos textos gramsciano. Posteriormente, foram encontrados novos textos e, por isso, publicaram mais **dois** volumes de Escritos Políticos, nesse caso com explícita identificação de textos organizados por Elsa Fubini. Totalizando assim, **sete** volumes de escritos políticos na primeira edição italiana da obra do revolucionário sardo.

Os Escritos Políticos de Antônio Gramsci, publicados pela editora Einaudi, se encontram divididos em cinco blocos principais. O primeiro bloco são os textos de 1910 até

fevereiro de 1919, que tratam sobre os temas envolvendo socialismo e cultura. Nesse momento, seus textos são bastante marcados pela influência do positivismo de Benedetto Croce, fato esse reconhecido pelo próprio Gramsci.

Já o segundo bloco se refere aos anos de 1919-1920, mais conhecido na Itália como “biênio russo” ou “biênio vermelho”, “em função das intensas manifestações operárias” (COUTINHO, 2004, p. 16). Era o momento em que Gramsci se dedicava a tratar de temas como: a distinção entre sindicatos e conselhos de fábrica, pois, para ele, os sindicatos são instituições ligadas ao Estado burguês, mas os conselhos de fábrica possibilitavam que a classe operária aprendesse a ter autonomia, além de temas acerca da importância do partido político como instrumento da classe trabalhadora.

O terceiro bloco se compõe de textos escritos em 1921 e 1922, nos quais Gramsci demonstrava uma enorme preocupação com o avanço do movimento fascista, que se tornava cada vez mais presente no cenário político da Itália, chegando a formular uma inédita caracterização do Fascismo, bem como, continua a tecer considerações acerca do socialismo e do comunismo.

No quarto bloco, estão os artigos que correspondem ao período em que Gramsci se encontra em Viena - enviado pela Internacional Comunista – no qual redige várias cartas propondo aos companheiros do PCI (ligados ao *L'Ordine nuovo*), que formassem um novo centro dirigente para se opor aos posicionamentos de Amadeo Bordiga, ao lado de outros textos que são informes políticos desse período, os quais culminam com o momento de sua prisão em 1926. Por fim, o último bloco contempla textos sobre a questão meridional e a problemática em torno da relação dos intelectuais com o processo de hegemonia.

Em 1980, a mesma Editora Einaudi resolveu lançar uma nova edição desses escritos contemplando muitos dos já contidos artigos, textos e crônicas e acrescentando textos inéditos - dessa vez o responsável pela edição foi Valentino Gerratana. Embora tivessem sido previstos oito volumes para a publicação, apenas **cinco** foram publicados. Essa edição adota critérios mais rigorosos quanto à inclusão ou à exclusão de textos e conta com a descoberta de muitos textos originais de Gramsci que foram interceptados pela censura, existente na Itália, durante o período do Fascismo.

Segundo Coutinho (2004), alguns escritos políticos pré-carcerários já foram publicados no Brasil por diferentes editoras e traduzidos por diferentes pessoas, porém essas

edições se encontram todas esgotadas e só nos é possível conhecê-las através da bibliografia de Gramsci situada no site “Gramsci e o Brasil”, o qual é editado por Luiz Sergio Henriques.

CARTAS DO CÁRCERE

As Cartas do Cárcere vieram a público em 1947, um ano antes da publicação dos Cadernos e pelas mãos da mesma Editora Einaudi. Essa publicação recebeu o prêmio Viareggio, consagrando Gramsci como uma personalidade que teve sua trajetória de vida entrelaçada com a ética e a política.

A publicação das Cartas e dos Cadernos aconteceu em meio a um cenário histórico bem conturbado, como a II Guerra Mundial e a Guerra Civil Espanhola. Nesse momento, Togliatti se encontrava na Espanha, enviado pela IC, e solicitou Donini que trabalhassem juntos na preparação da publicação das cartas escritas por Gramsci.

O centro dirigente do PCI possuía muitas cópias dessas cartas, fato esse que possibilitou algumas publicações aleatórias de cartas isoladas que antecederam a organizada por Togliatti. Essa primeira preparação de publicação das cartas foi perdida e não há mais notícia desse material que supostamente teria ficado em Moscou, enquanto os dois companheiros italianos da editora foram exilados, não podendo levar esse material, já preparado para publicação.

Conforme nos explica Henriques (2004), a primeira edição de 1947 consta de uma nota de abertura, anônima, composta de 218 cartas. Nesse momento, muitas dessas correspondências ainda não haviam sido recuperadas, outras foram excluídas - por seu caráter estritamente familiar. Ficaram de fora, também, cartas em que Gramsci se refere a Amadeo Bordiga e Trotsky, assim como, foram ocultadas as que retratavam os conflitos existentes entre Gramsci, o PCI e a IC.

A partir de 1955, começou-se a pensar numa nova edição que viera à tona em 1965, publicado pela mesma Editora Einaudi, com as 428 cartas, até então conhecidas, sem nenhum corte. Posteriormente, foram sendo descobertas outras novas correspondências por diferentes pessoas em distintos momentos, as quais se encontram condensadas na edição italiana da Editora Sellerio, situada na Sicília, num total de 478 cartas endereçadas a seus familiares,

“[...] além de 16 petições e requerimentos dirigidos a Mussolini, às autoridades judiciárias e do sistema carcerário [...]” (HENRIQUES, 2004, p. 21).

CADERNOS DO CÁRCERE

Como já sabemos, Gramsci foi preso em 8 de novembro de 1926, aos 35 anos de idade. Nesse momento, ele ocupava o cargo de Secretário Geral do Partido Comunista Italiano, além de exercer mandato de deputado. Porém, mesmo desfrutando de imunidade parlamentar, não escapou à prisão.

Na prisão, Gramsci resolveu desenvolver um trabalho escrito e comunicou essa intenção a sua cunhada Tatiana Schucht, em 19 de março de 1927. Encarou esse trabalho como um mecanismo que o fizesse superar as difíceis condições em que se encontrava. Contudo, somente recebeu autorização para escrever, bem como, o material que necessitava para realizar seus estudos, em 1929.

Gramsci escreveu na prisão um total de 33 cadernos, de capa dura, que eram concedidos pela diretoria do cárcere. Somente era-lhe permitido obter três cadernos de cada vez. Quatro desses 33 volumes correspondem às obras que ele traduziu de Marx, Goethe e dos Irmãos Grimm, além de muitos artigos de revista. Há também traduções numa parte dos cadernos 7 e 9. Gramsci realizou essas traduções logo no início de seus escritos em 1929 e as interrompeu em 1932, para se dedicar à revisão ou escritura de suas próprias idéias.

Logo que Gramsci morreu, Tatiana Schucht recolheu os cadernos na clínica “Quisisana”, os enumerou em algarismos romanos de I a XXXIII, sem se preocupar com sua cronologia. Antes de enviar tais cadernos à esposa de Gramsci, Tatiana pediu a Piero Sraffa⁴ que lhe orientasse como poderia publicá-los. Sraffa consultou Togliatti e este pediu que os enviassem para Moscou, onde residia Giulia, conforme o desejo de Gramsci.

Togliatti também se encontrava em Moscou, logo poderia ter acesso a Giulia. Portanto, Tatiana entregou esses escritos na embaixada soviética em Roma e Togliatti, com o

4 “(...) economista Piero Sraffa, velho amigo de Gramsci desde os tempos de Turim e, ao mesmo tempo, interlocutor permanente dos dirigentes do Partido Comunista Italiano, em particular de Palmiro Togliatti (...)” (COUTINHO, 2004, p. 19).

apoio do comitê executivo da Internacional Comunista⁵, trabalhou para obter esses escritos intactos.

A direção da Internacional Comunista (IC) montou uma comissão responsável pela publicação dos cadernos, da qual também faziam parte Togliatti e um membro da família do revolucionário sardo e, nesse momento, a IC solicitou toda a herança literária de Gramsci, que até então estava em posse de Tatiana.

Togliatti entendia que, para publicar os cadernos, era necessária uma cuidadosa elaboração, por isso estudou os cadernos e, em 1944, foi anunciado um primeiro projeto de publicação organizado por Togliatti e seu colaborador Felice Platone, numa editora aberta recentemente, após a libertação de Roma da ocupação nazista, denominada *La Nuova Biblioteca*. Porém, essa editora logo fechou as portas e esse primeiro projeto não se concretizou.

Posteriormente, Togliatti continuando a tentativa de publicar o legado de Gramsci decidiu por publicar na Editora Einaudi, que era propriedade de um militante comunista, ao invés de publicar na editora do PCI, no intuito de possibilitar uma maior divulgação deste trabalho.

A partir de 1948, a Editora Einaudi começou a publicar os Cadernos. Porém, essa publicação não foi organizada na ordem cronológica a partir da qual foram redigidos e sim de acordo com alguns temas “[...] de certo modo sugeridos pelo próprio Gramsci” (COUTINHO, 2004, p. 25)⁶.

Essa edição também é chamada de edição temática e se encontra organizada em seis volumes: O materialismo histórico e a filosofia de Benedetto Croce (1948), Os intelectuais e a organização da cultura (1949), o Risorgimento (1949), Notas sobre Maquiavel, A política e o Estado moderno (1949), Literatura e vida nacional (1950), Passado e presente (1951).

Essa edição possibilitou alguns desvios da obra de Gramsci, conforme nos coloca lucidamente Coutinho (2004, p. 25 – 27),

[...] Estivessem ou não conscientes disso os seus editores anônimos (mas, na verdade, Togliatti e Platone), essa primeira edição induzia o leitor a supor

5 A III Internacional constituiu-se como o primeiro partido revolucionário mundial superando a frente de organizações operárias da I Internacional e a federação de partidos da II internacional. Apoiada no grande triunfo da Revolução Russa, nasceu como reação à traição da II Internacional e a necessidade da luta pelo poder do proletariado face à decadência do capitalismo e sua burguesia na época imperialista. Conferir Alícia Sagra (2004).

6 A maioria dos cadernos especiais foi intitulada pelo próprio autor, enquanto outros cadernos recebem títulos de forma implícita. Conferir explicação de Coutinho (2004).

que Gramsci havia se ocupado sistematicamente dos temas “particulares” em que está dividido o pensamento teórico na área das ciências humanas. [...] Por outro lado, o caráter fragmentário com que se apresenta o material nos manuscritos originais, bem como as sucessivas tentativas do próprio Gramsci de reordenar suas notas segundo um critério temático, parecia autorizar a solução editorial escolhida.

É importante ressaltar que essa publicação tanto deixa de fora alguns cadernos gramscianos (os quatro primeiros cadernos dedicados às traduções), assim como reordena os textos (os 29 cadernos) em torno das temáticas explicitadas no parágrafo anterior. Destacamos essas observações a fim de facilitar o entendimento das diferenças significativas entre a primeira forma de organização e as edições posteriores que representam conquistas em torno do legado de Gramsci.

Mesmo reconhecendo o valor da edição Einaudi e o esforço de Togliatti em publicar a obra do revolucionário sardo, muitos estudiosos de Gramsci sentiram a necessidade de uma nova edição que publicasse os cadernos na ordem cronológica em que haviam sido escritos, assim como, essa nova publicação tivesse um aparato de notas que situasse o leitor para melhor compreender a obra de Gramsci.

A chamada Edição Crítica começou a ser pensada e exigida em 1958, sob o patrocínio do Instituto Gramsci - organismo cultural criado nos anos 50 pelo Partido Comunista Italiano, sendo nomeado para essa missão Valentino Gerratana, o qual contou com a colaboração de uma equipe de pesquisadores. Esse trabalho foi concluído em 1975, e novamente publicado pela Editora Einaudi.

Os quatro cadernos de tradução também não foram publicados por esta edição, salvo alguns textos que se referem àquelas passagens em que Gramsci ao invés de traduzir o termo marxiano *bürgerliche gesellschaft* como sociedade civil, utiliza a terminologia sociedade burguesa.

Segundo Coutinho (2004), na Edição Crítica, os outros cadernos são enumerados de 1 a 29, em ordem cronológica, organizada por Valentino Gerratana, que se empenhou em encontrar uma datação a mais exata possível, o que não foi uma tarefa fácil, pois Gramsci escrevia, geralmente, em três cadernos ao mesmo tempo.

Os 29 cadernos foram divididos pelo próprio Gramsci em “cadernos miscelâneos” (1,2,3,4,5,6,7,8,9,14,15,17), que são os cadernos que contém notas esparsas e “cadernos especiais” (10, 11, 12, 13, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29), que são os

cadernos que foram redigidos em torno de um tema. Tais cadernos são datados por Gerratana, da seguinte forma: A (1929), B (1929 – 1931), C (1929 – 1931) e D (1932).

A Edição Crítica, nas palavras de Coutinho (2004, p. 28)

[...] se compõe de 4 volumes. Os três primeiros (que compreendem cerca de 2.400 páginas) reproduzem os 29 cadernos gramscianos. [...] O quarto volume (com cerca de 1.000 páginas) é inteiramente dedicado ao aparato crítico; nele encontramos as indicações das fontes que Gramsci utilizou para redigir seus apontamentos, informações sobre fatos e autores que ele cita, um cuidadoso e detalhado índice analítico e onomástico, etc., além de uma utilíssima tábua de correspondência entre a antiga edição temática e a nova edição crítica.

Por conseguinte, podemos afirmar que a primazia alcançada pela Edição Crítica organizada por Valentino Gerratana consiste na ordem cronológica dada aos escritos do cárcere, a qual, mantendo uma maior fidelidade ao legado gramsciano, permite aos leitores do revolucionário sardo compreender melhor a conexão existente entre as diversas temáticas específicas tratadas nos cadernos e o seu projeto político de construção de uma nova forma de sociabilidade.

A Edição Crítica também recebeu críticas e se levantaram estudiosos para declarar a necessidade de uma nova edição. Dentre esses, se destaca Gianni Francioni que apresentou um projeto de uma nova edição intitulada “Edição Nacional”, a qual contou com o patrocínio do governo italiano.

Tal edição estava prevista para ser publicada em 2004, mas sua publicação somente ocorreu em 2007, contendo uma nova ordem cronológica, baseada num estudo histórico-filológico. Na Edição Nacional, consta a totalidade dos cadernos, inclusive os cadernos dedicados à tradução - segundo Francione esses cadernos de tradução são “[...] mais do que uma tradução, uma ‘leitura própria’ (COUTINHO, 2004, p. 30).

A nova organização dos cadernos se divide em: cadernos de tradução, cadernos miscelâneos e cadernos especiais, no intuito de manter uma maior fidelidade ao legado gramsciano, uma vez que, nas palavras de Coutinho (2004, p. 31), essa é “[...] uma divisão que nos parece fundamental para melhor compreender o processo de trabalho utilizado por Gramsci em seus apontamentos”.

Finalizamos esse momento do texto ressaltando a importância da publicação da Edição Nacional que mantém, a nosso ver, fidelidade aos escritos de Gramsci, uma vez que além de publicar todos os cadernos sem nenhum recorte (inclui os cadernos de tradução), conserva unicamente a divisão realizada pelo próprio Gramsci (cadernos especiais e cadernos

miscelâneos). Consideramos oportuno sublinhar, ainda, que as conquistas alcançadas por esta edição não desconsidera a relevância das publicações anteriores na divulgação do pensamento de um dos maiores revolucionários do século XX.

A REPERCUSSÃO DO PENSAMENTO DE GRAMSCI NO BRASIL

Os primeiros registros de Gramsci no Brasil ocorrem na década de 1920, em meio a denúncias do regime fascista, mas são registros muito escassos até mesmo pela dificuldade de uma imprensa suficientemente independente do aparato estatal capaz de seguir suas próprias diretivas.

Nesse contexto de grande dificuldade de difusão de uma opção política de esquerda, o esforço individual de algumas figuras da vanguarda, como, por exemplo, Mário Pedrosa, militante do Partido Comunista Brasileiro (PCB), possibilita que se registrem no Brasil alguns escritos de Gramsci, via Internacional Comunista, da qual o referido militante fazia parte.

Em 1962, começou-se a discutir um projeto de publicação da obra de Gramsci no Brasil. Ênio Silveira, proprietário da Editora Civilização Brasileira, estava à frente desse projeto. Ele acertou com Franco Ferrari - diretor do Instituto de Gramsci, naquele momento, em traduzir a Edição Einaudi. Porém, nessa negociação, Ênio Silveira decidiu por não incluir na publicação dois volumes correspondentes aos escritos do cárcere, são eles: O risorgimento; e Passado e presente.

Em 1966, começa a ser publicados o primeiro dos volumes referente às Cartas do Cárcere. Posteriormente, ainda nesse mesmo ano, dos seis volumes temáticos dos Cadernos do Cárcere da Edição Einaudi (italiana), foram publicados: Concepção dialética da história, O materialismo histórico e A filosofia de Benedetto Croce. Já Maquiavel, A política e o Estado moderno e Os intelectuais e a organização da cultura só foram publicado em 1968.

O primeiro volume dos cadernos do cárcere (Concepção dialética da história) foi traduzido por Luiz Mario Gazzaneo e o restante ficou aos encargos de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. Desde o proprietário da editora Civilização Brasileira, até os tradutores, quer dizer todos os envolvidos nesse processo de publicação das obras gramscianas no Brasil, eram vinculados ao PCB. Nesse momento, a difusão do pensamento de Gramsci se limitou aos debates no interior do PCB e, sobretudo, foi bastante marcado por um

enfoque dos aspectos filosóficos e culturais, o que reflete diretamente a forma de publicação escolhida.

A publicação do último volume dos cadernos se deu em meio à promulgação do AI 5 (Ato Institucional nº 5). Com a repressão que se deu a partir do advento desse ato, Gramsci foi, decorrentemente, afastado dos debates políticos, no interior do partido e dos movimentos sociais, encontrando refúgio nas universidades, principalmente, no curso de ciências sociais da USP (Universidade de São Paulo) - um grande exemplo disso são os textos de Fernando Henrique Cardoso. Mas Gramsci, também, adentrou no debate político da Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP), e na Universidade de Brasília (UNB).

Conforme nos informa Bianchi (2007), nos final dos anos de 1970, o pensamento de Gramsci teve seu lugar nos cursos de educação na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Essa divulgação ocorreu, inicialmente, por intermédio de Dermeval Saviani. Nesse mesmo período, Gramsci adentra nos cursos de filosofia e ciências humanas dessa mesma universidade, onde se realizou uma pesquisa de grande destaque pelo Professor Edmundo Fernandes Dias.

Embora o pensamento de Gramsci tenha conquistado grande espaço nas universidades acima citadas, e esse fato tenha sido importante na superação da fragmentação do seu pensamento por parte de alguns intelectuais, esses estudos não foram recepcionados dentro dessa perspectiva em trabalhos monográficos, ocorrendo, dessa forma, a perpetuação da lógica especialista de seu pensamento, ou seja, Gramsci é estudado como um historiador, um assistente social, um filósofo, perdendo, assim, a riqueza da totalidade de seu pensamento.

Na década de 1980, Gramsci voltou a ser reivindicado pelos partidos e movimentos sociais, o que permitiu que alguns conceitos, tratados com bastante rigor em sua obra, virassem certo senso comum, conforme nos esclarece Bianchi (2007, p. 11),

Partidos formais ou informais, bem como movimentos sociais, organizaram-se e construíram suas identidades em torno das idéias de hegemonia, sociedade civil e bloco histórico. Rapidamente, essas idéias deixaram de expressar sofisticados e complexos conceitos e se transformaram em *slogans* políticos. A rápida instrumentalização de seu pensamento teve como consequência sua difusão em um senso comum político e intelectual, mas a contrapartida não foi uma ampliação simultânea dos estudos gramscianos. Gramsci foi, assim, muito citado, mas parece ter sido pouco lido e estudado.

Mediante a necessidade de ampliar os textos gramscianos e revisar as publicações dos escritos do revolucionário sardo, até então presentes no Brasil, Carlos Nelson Coutinho e seus colaboradores (Marco Aurélio Nogueira e Luiz Sérgio Henriques) apresentaram a

proposta de uma nova edição da obra de Gramsci no Brasil à Editora Civilização Brasileira. A nova edição começou a ser publicada em 1999 e atualmente se encontra esgotada.

Essa nova publicação foi baseada na edição crítica de Gerratana, mas contém diferenças importantes, como por exemplo, permanece a tematização organizada por Togliatti. Coutinho buscou nesta edição selecionar os textos que mais ultrapassavam notícias cotidianas, em suas palavras, “[...] recorrendo, entre outras coisas, a um cotejo entre minha seleção e aquela feita em outras antologias (italianas ou não) dos escritos pré-carcerários” (COUTINHO, 2004, p. 27). Essa publicação consiste em 2 volumes de Escritos políticos; 2 volumes de Cartas do Cárcere e 6 volumes de Caderno do Cárcere e foi utilizada por nós na feitura do nosso texto de dissertação.

A partir de meados da década de 1990, tem surgido um número considerável de novos estudos em torno da obra gramsciana, assim como, antigos estudiosos tiveram espaço para republicar seus trabalhos.

REFERÊNCIAS

BARATTA, Giorgio. **As rosas e os cadernos**: o pensamento dialógico de Antonio Gramsci. Tradução de Giovanni Semeraro. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

COUTINHO, Carlos Nelson. Introdução. IN: GRAMSCI, Antonio. **Escritos Políticos**. Organização, Introdução e Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Volume 1 (1910-1920). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

DIAS, Edmundo Fernandes. **Gramsci em Turim**: a construção do conceito de hegemonia. 1ª Ed. São Paulo: Xamã, 2000.